

## Ilusões em movimento Rafael Freire<sup>1</sup>

Erkki Huhtamo. 2012. *Illusions in motion: media archaeology of the moving panorama and related spectacles*. Cambridge MA and London: The MIT Press. 464pp. ISBN: 9780262018517.

Poderíamos dizer que o livro *Illusions in motion: media archaeology of the moving panorama and related spectacles*, de Erkki Huhtamo, publicado em 2012, é um extraordinário estudo de um tipo de espetáculo pré-cinematográfico, se o próprio autor não recusasse o termo “pré-cinema”. Na visão do Huhtamo, professor do departamento de *Design Media Arts* da Universidade da Califórnia em Los Angeles, a expressão pré-cinema – que abarca tradicionalmente estudos sobre tecnologias tão diferentes quanto lanternas mágicas, panoramas e brinquedos óticos – estaria associada a uma equivocada visão teleológica da história que identificaria a emergência do cinema, no final do século XIX, como a culminância de uma trajetória linear, evolutiva e coerente.<sup>2</sup>

Diferenciando-se dessa perspectiva, Huhtamo é um dos principais expoentes de uma área de estudos ou de um tipo de abordagem que ele denomina “arqueologia das mídias” (*media archaeology*), frequentemente dedicada a construir histórias alternativas, interessando-se por mídias suprimidos, negligenciados ou esquecidos (Huhtamo e Parikka 2011, 3). Na sua visão, a arqueologia das mídias significa a prática crítica que busca evidências históricas que possam estabelecer diálogos entre aspectos do passado e do presente das mídias (Huhtamo 2011, 28).

Se Huhtamo já vinha escrevendo numerosos artigos onde traçava instigantes relações entre mídias novas e antigas – pensando, por exemplo, as atuais telas de *touch screen* na perspectiva de uma longa história de mídias interativas que exigem o toque –, nesse ambicioso livro ele se concentrou basicamente numa única mídia: os desconhecidos *panoramas móveis*.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e Comunicação Social, Departamento de Cinema e Vídeo, 24210-590, Niterói-RJ, Brasil.

<sup>2</sup> Erkki Huhtamo se auto define como um historiador, curador e arqueólogo de mídias. Doutor em História Cultural pela Universidade de Turku, Finlândia, publicou dezenas de artigos nos últimos vinte anos em revistas e livros sobre arte, história e tecnologia, abrangendo temas como interatividade, jogos eletrônicos e cultura digital. Além de acadêmico e teórico, Huhtamo é autor de instalações e apresentações artísticas. Conferir seu site pessoal: <http://www.erkkihuhtamo.com/>.

Seus antecessores, os panoramas, são razoavelmente mais conhecidos, inclusive por outros excelentes estudos como o de Oettermann (1997). Invenção patenteada pelo irlandês Robert Barker no final do século XVIII, os panoramas consistem em imensas pinturas extremamente realistas, geralmente retratando paisagens que cobrem 360° graus de visão do espectador ao serem instaladas em rotundas especialmente construídas para tal. Fazendo o visitante viajar através dos olhos, mas praticamente sem sair do mesmo lugar, os panoramas são recorrentemente citados em analogia com experiências audiovisuais imersivas posteriores, sejam os formatos cinematográficos panorâmicos da década de 1950 (cinerama, cine-mascope etc.), a realidade virtual dos anos 1990, ou o 3-D digital contemporâneo.

Mas o que eram esses panoramas móveis e como eles se diferenciavam dos panoramas? Enquanto os panoramas eram fixos e o espectador se movia internamente para apreciar a impressionante extensão e profusão de detalhes das imagens estáticas, os panoramas móveis eram longas pinturas que, dispostas em cilindros, eram desenroladas frente à plateia sentada, enquanto o apresentador comentava as imagens em movimento. Com uma duração determinada pela narração e pelo movimento, o controle do *tempo* é um elemento diferenciador fundamental entre eles. Como assinala Huhtamo (2012, 80), os panoramas móveis se preocupavam mais com a narrativa visual do que com a imersão proporcionada pelos panoramas. Nesse sentido, oferecendo informação e entretenimento, o narrador era uma figura essencial para os panoramas móveis. Não importa quão atrativas fossem as imagens pintadas, elas eram sempre secundárias à aura pessoal do palestrante, sendo a presença física humana outro elemento singular.

Em seu livro, Huhtamo investiga cuidadosamente como era a performance dos panoramas móveis. Qual era a duração e a dinâmica do espetáculo? Como era a reação do público? Qual era o tipo de plateia desejada por esses espetáculos? Quais eram os temas mais abordados? A multiplicidade de variações é extraordinária, valendo mencionar, em especial, o fascinante subgênero dos panoramas móveis sobre viagens de balões, que se desenrolavam verticalmente, e não horizontalmente, como era mais comum.

Um dos aspectos mais interessantes de *Ilusions in motion* é a riqueza de conexões que o autor faz com outros tipos de espetáculos, sejam as lanternas mágicas ou o teatro ocidental, apontando, por exemplo, a notável presença dos panoramas móveis como cenários – e até como atrações principais – em espetáculos do teatro de variedades inglês. Não há a busca por uma essência estática e uniforme da mídia, mas um vigoroso mergulho num universo marcado pela hibridização, por apropriações e combinações que também caracterizam os primeiros anos do cinema no final do século XIX. Isto é, o período antes do espetáculo de projeção de imagens fotográficas em movi-

mento – os *moving pictures*, na mesma linhagem semântica dos *moving panoramas* – ser largamente conhecido como cinema.

A questão nacional também recebe a merecida atenção neste livro. Se os panoramas circulares não ganharam tanta popularidade nos Estados Unidos por serem considerados “estáticos, europeus e acadêmicos” (Huhtamo 2012, 174), os panoramas móveis tornaram-se uma grande moda norte-americana na década de 1840, através, por exemplo, dos inúmeros panoramas sobre viagens através do Rio Mississippi. Diferentemente das rotundas das gigantescos e frágeis telas dos panoramas circulares, os rolos com os panoramas móveis podiam ser transportados e serem apresentados de cidade em cidade de uma forma muito mais prática e corriqueira.

Mais do que um estudo exclusivamente focado nos panoramas móveis, o livro de Huhtamo é também uma fonte preciosa para quem quiser aprofundar o conhecimento dos muitos divertimentos que colaboraram para a fascinante febre dos “oramas” no século XIX. O *diorama*, por exemplo, é discutido em grande profundidade, sendo fascinante perceber a hibridização de termos, práticas e técnicas com a incorporação em diversos tipos de espetáculos dos afamados “efeitos diorâmicos” (baseados em mudanças na iluminação). Se os altos custos envolvidos na construção de um espaço especialmente dedicado aos dioramas, com sua impressionante plateia giratória, teriam limitado sua maior difusão (não são conhecidos exemplares erguidos na América Latina, com exceção das caixas óticas portáteis), uma situação diferente seria a do *cosmorama*. Este era um salão permanente de *peep shows*, isto é, dotado de diversos aparatos de visão individual de imagens (gravuras, fotografias fixas e, posteriormente, estereoscópicas), identificados através das lentes colocadas lado a lado nas paredes do aposento. Diferentemente dos dioramas, não são poucos os relatos conhecidos da presença e da popularidade dos cosmoramas no Rio de Janeiro do século XIX, por exemplo.

O que talvez mais impressione em *Ilusions in motion* é seu rigor e precisão histórica, resultado de uma longa pesquisa ao redor do globo. Naturalmente, Huhtamo corrige – elegante, mas contundentemente – inúmeros erros factuais de diversos trabalhos alheios, inclusive de pesquisadores renomados, que incluíram ou citaram os panoramas e dioramas em formulações teóricas abrangentes. Por outro lado, o excesso de informações, às vezes exaustivas – como sobre alguns dos principais apresentadores de panoramas móveis – é responsável por tornar a leitura de alguns capítulos um pouco cansativa. Já a rica e exuberante iconografia do livro, em grande parte inédita, sendo em sua maioria oriunda do acervo pessoal de Huhtamo, é um atrativo especial da obra.

Entretanto, por mais relevante que seja o caráter enciclopédico deste trabalho – com centenas de nomes e datas alinhavadas nas inúmeras notas de rodapé –, sua principal contribuição é se tratar de

um minucioso trabalho de pesquisa histórica firmemente sustentado numa base teórica coerente e instigante. Desse modo, mesmo para os que não tenham interesse particular por “panoramas móveis e espetáculos correlatos”, *Illusions in motion* atrai como um exemplo brilhante de metodologia de pesquisa e investigação sobre um desconhecido meio de comunicação e entretenimento. Constitui-se, diga-se de passagem, em uma proposta bastante saudável, dado o recorrente descaso dos estudiosos das “novas mídias” pelo passado, seja ele próximo ou remoto.

Afinal, são poucos os estudos em língua portuguesa nas áreas de arte, comunicação ou mesmo de história que demonstrem interesse pelas mídias visuais anteriores ao cinema, com exceção da fotografia. Esse diagnóstico se repete mesmo junto aos historiadores de cinema, embora nem sempre tenha sido assim. Em alguns dos primeiros livros sobre cinema no Brasil, por exemplo, autores como Joaquim Canuto Mendes de Almeida (1931) ou Jonathas Serrano e Francisco Venâncio Filho (s.d. [1931]) geralmente se preocupavam em contextualizar a origem tecnológica da “sétima arte”, descrevendo uma história teleológica que culminaria com os avanços heroicos de Edward Muybridge, E. J. Marey, Thomas Edison e/ou os irmãos Louis e Auguste Lumière. Tratava-se, é verdade, de uma característica presente nos livros e artigos estrangeiros dessa mesma época, sobretudo franceses, sobre o “nascimento do cinema” em que os autores brasileiros se baseavam.

Nos anos 1950, quando cresce o interesse pelo passado do cinema brasileiro, alguns avanços também ocorreram em relação ao conhecimento do que teria vindo antes do cinematógrafo. Nesses primórdios da historiografia do cinema brasileiro, um artigo como o do jornalista e produtor cinematográfico Adhemar Gonzaga (1956) tentou, talvez pela primeira vez, mapear os antecedentes da chegada do cinema ao Brasil, destacando os panoramas e brinquedos óticos instalados no Rio de Janeiro do século XIX. Embora historiadores pioneiros como Alex Viany ou Paulo Emílio Salles Gomes não tenham investimentos significativos nessa seara, num outro fundamental estudo escrito nos anos 1960, *A bela época do cinema brasileiro* (Araújo 1976), estão presentes importantes capítulos introdutórios sobre os panoramas do pintor Vítor Meireles ou sobre a moda dos cosmoramas na então Capital Federal.

Nos últimos tempos, porém, poucos trabalhos focados na recepção cinematográfica em diferentes cidades brasileiras tem dedicado maior atenção ao que veio antes do cinema (ou das salas de cinema), podendo ser mencionados os livros de Alice Gonzaga (1996) e de Alice Trusz (2010), sobre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, respectivamente.

O fato é que, nesse campo, apesar de alguns recentes estudos acadêmicos, ainda há poucos livros publicados no Brasil – o mais co-

nhecido é o de Arlindo Machado (1997).<sup>3</sup> Esse diagnóstico pode incluir até mesmo as traduções para o português de obras estrangeiras. Nesse caso, a principal exceção, sem dúvidas, é a edição do fantástico *A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema*, de Laurent Mannoni (2003). Originalmente publicado em francês em 1994, poucos livros se equiparam a este em sua precisão, riqueza e amplitude. *Illusions in motion* realiza essa proeza.

Portanto, apesar de *A grande arte da luz e da sombra* se constituir num estudo extraordinário, não se pode acreditar – como muito de seus leitores brasileiros o fazem – que o campo esteja todo coberto por esse livro. Afinal, como Huhtamo (2012, 11) aponta, os panoramas móveis, por exemplo, não são mencionados sequer uma vez por Mannoni.

Ao investigar exaustivamente os panoramas móveis, mais do que esgotar o tema, o livro de Huhtamo abre novos horizontes de indagações e questionamentos. O mais óbvio seria pensar na possível presença dessa mídia – em suas variações e mutações –, em territórios não cobertos por Huhtamo, como a América Latina. Dito isso, que *Illusions in motion* possa nos servir não como um exemplo intimidador, mas como um tentador convite para embarcarmos, como meros leitores ou ousados pesquisadores, nessa fascinante aventura arqueológica.

## BIBLIOGRAFIA

- Almeida, Joaquim Canuto Mendes de. 1931 *Cinema contra cinema: bases gerais para um esboço de organização do cinema educativo no Brasil*. São Paulo: Editora Limitada.
- Araújo, Vicente de Paula. 1976. *A bela época do cinema brasileiro*. São Paulo: Perspectiva.
- Gonzaga, Adhemar. 1956. “A história do cinema brasileiro – Capítulo I”. *Jornal de Cinema*, 39 (agosto): 51-54.
- Gonzaga, Alice. 1996. *Palácios e poeiras: 100 anos de cinemas no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Record.
- Huhtamo, Erkki. 2011. “Dismantling the fairy engine: Media archaeology as topos study.” In *Media archaeology: approaches, applications and implications*, ed. Erkki Huhtamo e Jussi Parikka, 27-47. Los Angeles: University of California Press.

<sup>3</sup> O conhecido livro de Arlindo Machado, *Pré-cinemas & pós-cinemas*, atualmente na sexta edição, é um esforço apreciável e pioneiro, mas deixa muito a desejar em rigor histórico ou profundidade de análise, além de ser marcado por uma arraigada tendência essencialista e normativa.

- Huhtamo, Erkki. 2012. *Illusions in motion: media archaeology of the moving panorama and related spectacles*. Cambridge, MA: The MIT Press.
- Huhtamo, Erkki, e Parikka, Jussi. 2011. "Introduction: An archaeology of media archaeology". In *Media archaeology: approaches, applications and implications*, ed. Erkki Huhtamo e Jussi Parikka, 1-21. Los Angeles: University of California Press.
- Machado, Arlindo. 1997. *Pré-cinemas & pós-cinemas*. Campinas: Papyrus.
- Mannoni, Laurent. 2003. *A grande arte da luz e da sombra: arqueologia do cinema*. São Paulo: Senac-Unesp.
- Oettermann, Stephan. 1997. *The Panorama: history of a mass medium*. New York: Zone Books.
- Serrano, Jonathas, e Venancio Filho, Francisco. s.d. [1931]. *Cinema e educação*. São Paulo: Editora Comp. Melhoramentos de S. Paulo.
- Trusz, Alice Dubina. 2010. *Entre lanternas mágicas e cinematógrafos: as origens do espetáculo cinematográfico em Porto Alegre, 1861-1908*. São Paulo: Ecofalante.